



Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e  
Geografia – FAENG  
Curso de Geografia



Davi Pereira da Conceição dos Santos

## **APROXIMAÇÕES ENTRE MILTON SANTOS E ACHILLE MBEMBE:**

RUGOSIDADES E NECROPOLÍTICAS COMO POSSIBILIDADES ANALÍTICAS DAS  
DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS.

CAMPO GRANDE

2024

DAVI PEREIRA DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**APROXIMAÇÕES ENTRE MILTON SANTOS E ACHILLE MBEMBE:**

Rugosidades e Necropolíticas como possibilidades analíticas  
das desigualdades socioespaciais.

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Banca Examinadora, como requisito para obtenção de colação de grau no curso de Geografia (Bacharelado) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

**Orientador:** Marcelino de Andrade Gonçalves.

**Coorientador:** Prof. Dr. Guilherme dos Santos Claudino.

Campo Grande  
2024

## RESUMO

Este texto tem como propósito aproximar e relacionar o pensamento de dois intelectuais: Milton Santos e Achille Mbembe. A partir do cruzamento do conceito de *rugosidade* elaborado por Milton Santos e a *necropolítica* de Achille Mbembe, analisamos a Antiga Rodoviária de Campo Grande (MS), que ficou conhecida na última década como “Cracolândia”. O trabalho utiliza uma abordagem metodologicamente histórica, analítica e qualitativa, a partir da verificação de documentos históricos, revisão bibliográfica, trabalhos de campo e análise do discurso. Os resultados alcançados permitem cotejar um olhar mais humanizado e crítico sobre as pessoas que ocupam o espaço urbano em uma das áreas centrais da cidade de Campo Grande (MS).

**Palavras-chave:** Espaço Urbano, Rugosidade, Necropolítica, Campo Grande, Cracolândia.

## ABSTRACT

This text aims to bring together and relate the thoughts of two intellectuals: Milton Santos and Achille Mbembe. From the intersection of the concept of roughness developed by Milton Santos and the necropolitics of Achille Mbembe, we analyzed the Old Bus Station of Campo Grande (MS), which became known in the last decade as “Cracolândia”. The work uses a methodologically historical, analytical and qualitative approach, based on the verification of historical documents, bibliographic review, fieldwork and discourse analysis. The results achieved allow us to compare a more humanized and critical look at the people who occupy urban space in one of the central areas of the city of Campo Grande (MS).

**Keyword:** Urban Space, Roughness, Necropolitics, Campo Grande, Cracolândia

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>I. Milton Santos e as Rugosidades.....</b>	<b>7</b>
<i>Forma, Função, Estrutura e Processo.....</i>	<i>10</i>
<b>II. Achille Mbembe e a Necropolítica.....</b>	<b>14</b>
<b>III. A “Cracolândia” de Campo Grande (MS).....</b>	<b>16</b>
<b>IV. Considerações finais.....</b>	<b>21</b>
Referências.....	22

## Introdução

Este trabalho busca uma aproximação entre o conceito de *rugosidade* de Milton Santos e o de *necropolítica* de Achille Mbembe, propondo uma possibilidade de interpretação sobre as desigualdades socioespaciais presentes nas cidades. A partir da análise de como esses conceitos se aplicam ao caso da "Cracolândia" de Campo Grande (MS), pretende-se explorar as inter-relações entre o abandono de certos territórios urbanos e a marginalização de populações vulneráveis. Este estudo articula, portanto, uma reflexão crítica sobre o espaço urbano enquanto local de exclusão e desigualdade, aprofundando-se nas contribuições de Santos e Mbembe para a compreensão das dinâmicas sociais e espaciais subjacentes a esses contextos.

A escolha de explorar o conceito de rugosidades em diálogo com a necropolítica se justifica pela necessidade de interpretar as desigualdades socioespaciais em cidades brasileiras, onde populações periféricas são constantemente sujeitas ao abandono e ao tratamento negligente por parte do Estado. Este estudo, ao analisar a "Cracolândia" de Campo Grande- MS, pretende contribuir com uma análise crítica das políticas urbanas, ampliando o entendimento dos processos de exclusão. Por isso é necessário o aprofundamento de discussões teóricas sobre como determinadas formas espaciais e arquitetônicas cumprem o papel de rugosidades, refletindo a função necropolítica da organização espacial capitalista.

Entender as possibilidades relacionais do pensamento miltoniano com o do Mbembe pode contribuir com os estudos da geografia urbana crítica no Brasil, permitindo uma leitura dos processos que consolidam territórios de marginalização. Além disso, a relevância social deste estudo reside na análise das consequências diretas que a política de quem "deve viver e morrer" (Mbembe, 2018), tem implicado na existência e eliminação de determinados grupos sociais.

Nosso objetivo, então, foi testar os conceitos de rugosidade e necropolítica como possibilidade analítica das desigualdades socioespaciais em Campo Grande, focando especialmente na região da antiga rodoviária e seu uso como "Cracolândia". Para isso, analisamos o conceito de rugosidades de Milton Santos e sua aplicação na geografia urbana crítica através de uma reconstrução de suas ideias basilares que estruturam o respectivo conceito. Concomitantemente convocamos a necropolítica de Achille Mbembe

como um conceito capaz de elucidar os processos de exclusão social que se cristalizam nas formas espaciais, tornando-as rugosidades.

A antiga rodoviária de Campo Grande é uma rugosidade que tem cumprido um papel controverso na cena política e social da cidade. Por estar em uma das áreas centrais da Campo Grande, ocupando um espaço consideravelmente extenso, a mesma tem gerado diferentes conflitos e dilemas sobre seus usos ao longo das últimas décadas. Tais dilemas se amplificam quando sujeitos racializados e marginalizados por sua origem social, isto é, pessoas em situação de rua (PSR), passam a ocupar a cena da antiga rodoviária. A rugosidade passa a cumprir o papel de lar para alguns e de comércio de drogas e corpos para outros, respectivamente. Para a população campo-grandense e os jornais dessa cidade, essa rugosidade tem um nome: “Cracolândia”. Este estudo pretende desconstruir este símbolo estigmatizante, demonstrando, então, que se trata, isso sim, de um espaço necropolítico, onde a vida é subjugada pelo poder da morte (Mbembe, 2018), ditando os corpos que importam e outros que devem ser descartados.

O trabalho utiliza uma abordagem metodologicamente histórica, analítica e qualitativa. Foi realizada uma análise documental das obras de Milton Santos e Achille Mbembe, verificando a construção, possibilidades e limitações dos conceitos de rugosidade e necropolítica. Sobre a antiga rodoviária de Campo Grande, realizamos uma revisão de referências que se ocuparam da sua história, verificando a construção do imaginário da população em relação à "Cracolândia" da cidade. Nesse aspecto, analisamos fontes como notícias dos principais jornais da cidade e relatórios públicos, que foram posteriormente comparadas com trabalhos de campo *in loco*.

Estruturalmente, o texto está dividido em três partes, além desta introdução e da conclusão. Inicialmente demonstramos o desenvolvimento do conceito de rugosidade na obra de Milton Santos, avaliando as possibilidades de sua utilização. Na segunda parte convocamos o conceito de necropolítica como possibilidade analítica e qualificação das rugosidades. Na terceira parte testamos o cruzamento dos conceitos supracitados a partir de uma análise empírica, tomando a antiga rodoviária como recorte analítico.

## Milton Santos e as Rugosidades

Milton Almeida dos Santos, mais conhecido como Milton Santos, foi um dos intelectuais mais destacados do Brasil do século XX, nascido em 3 de maio de 1926 em Brotas de Macaúbas, Chapada Diamantina, era filho de Francisco Irineu dos Santos e Adalgisa Umbelina dos Santos, ambos magistrados, o que conferiu a Milton Santos uma educação rigorosa e essencial para sua formação. Milton Santos passou sua infância em Ubaitaba e Alcobaça, cidades do interior da Bahia, onde teve sua educação inicial em casa com os pais. Em sua juventude frequentou o Instituto Baiano de Ensino onde iniciou sua atividade política fundando junto de seus colegas o Partido Estudantil Popular e a Associação Brasileira de Estudantes Secundaristas (CIRQUEIRA, 2016).

Suas obras e contribuições que resultam em mais de 40 livros e 300 artigos publicados, revelam seu vigor intelectual e a dedicação de uma vida à produção do conhecimento. Um conhecimento que percorre toda sua trajetória de vida. Todo este fôlego e dedicação à ciência contou com sua atividade docente. Foi professor em universidades prestigiadas no Brasil, Estados Unidos, França, Canadá, Tanzânia e Peru, atuando, ainda, como jornalista, redator e editorialista pelo jornal *A tarde* de Salvador na década de 1950. Trata-se, assim, de um intelectual que pode ser lido e compreendido através de diferentes momentos do desenvolvimento do seu pensamento.

Ao contrário do que se possa pensar, Milton Santos se formou em Ciências, Letras e Bacharel em Direito pela Universidade da Bahia em 1944, depois doutorou-se em Geografia pela Universidade de Strasbourg, na França, em 1958, sob orientação de Jean Tricart.

Foi na Geografia que Milton Santos dedicou seus estudos e por esta ciência obteve reconhecimento em nível mundial, sendo considerado um dos geógrafos mais importantes do final do século passado e começo deste. Este reconhecimento se materializou, efetivamente, quando foi laureado com o prêmio Vautrin Lud, em 1994.

Esses reconhecimentos são resultados de diferentes contribuições teórico-conceituais que Milton promoveu à geografia, especialmente no movimento de ideias que ficou conhecido como *geografia crítica*, nas décadas de 1970 e 1980. Milton deu o tom ao movimento, pois não apenas em sua atividade política de defesa dos mais pobres se concentrou seu exercício intelectual, mas, notadamente, no renovado universo conceitual que ele ergueu na geografia brasileira.

Milton Santos dedicou-se à geografia humana, com especial atenção à geografia urbana. A cidade e a condição urbana talvez sejam os *fiões* que conectam grande parte de suas obras. No que diz respeito à epistemologia da geografia, um livro se destacada em relação aos demais, trata-se do *Por uma Geografia Nova*, publicado em 1978, onde tece críticas à geografia realizada naquele momento, pois se enfrentavam problemas de ordem metodológica, conceitual, epistemológica e ideológica. Para Milton, os geógrafos estavam se distanciando do espaço como objeto desta ciência.

Além de suas produções científicas, Milton Santos também era altamente requisitado pela sociedade para expor seus argumentos e pontos de vista sobre os diferentes aspectos do mundo que se fazia presente (CIRQUEIRA, 2016). Milton Santos era um intelectual militante e defensor da redução das desigualdades em todos os níveis, como enfaticamente é expresso em suas obras<sup>1</sup>.

Em 1964 foi preso durante a ditadura militar no Brasil. Sua aproximação com políticos considerados de esquerda fizeram com que fosse exilado e, então, a partir de um convite para lecionar na Universidade de Toulouse Le Mirail, na França, partiu e ficou 13 anos no exílio (GRIMM, 2011; CIRQUEIRA, 2016). Entre pesquisas e aulas na França, Estados Unidos, Peru, Venezuela e Tanzânia, Milton Santos foi ganhando destaque internacionalmente. Retorna para o Brasil em 1977 e leciona em mais três universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade de São Paulo (USP) onde se aposentou da carreira de professor universitário. Sua extensa e rica bagagem como professor, pesquisador e geógrafo, concedeu-lhe vários títulos de Doutor Honoris Causa. Em 1994 chega ao ápice, pois é laureado com o prêmio Vautrin Lud, considerado o Nobel da Geografia.

Um aspecto é necessário destacar na trajetória deste geógrafo. Trata-se da dimensão racial que marca de diferentes formas sua jornada intelectual, profissional e política. E para discorrer sobre esta dimensão, cabe destacar alguns estudos que analisaram essa questão. Uma das primeiras investigações sobre a questão racial em Milton Santos foi realizada pelo geógrafo Diogo Marçal Cirqueira, em 2010, na sua dissertação de mestrado intitulada *Entre o Corpo e a Teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos*, defendida na Universidade Federal de Goiás (UFG), sob a orientação de Alex Ratts. Além desta dissertação, destaca-se também

---

<sup>1</sup> Ainda sobre suas atividades, fundou o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia (LGERUB) em 1959; atuou também como Presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) em 1963; foi ainda subchef da Casa Civil do então presidente Jânio Quadros em 1961 e Presidente da Comissão de Planejamento Econômico da Bahia (CPE) em 1962.

um capítulo deste mesmo autor, denominado *Milton Santos: Um Corpo Estranho no Paraíso* publicado na obra *Pensadores Negros - Pensadoras Negras: Brasil, séculos XIX e XX*, publicada em 2016, onde também é analisado a esfera racial inscrita na trajetória de Milton Santos.

Em *Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá* (BRASIL, 2006), do cineasta Silvio Tendler, é realizada uma narrativa em forma de diálogo com Milton Santos que busca tanto elucidar os impactos do processo da globalização em diversos países do mundo numa perspectiva da realidade concreta, quanto na definição da globalização como perversidade. Em um dos trechos da entrevista é questionado sobre a dificuldade de ser um intelectual negro no Brasil, Milton Santos assim responde:

*Eu creio que é difícil ser negro e é difícil ser intelectual, no Brasil. E essas duas coisas juntas, dão o que dão. É difícil ser negro porque fora das situações de evidencia o cotidiano é muito pesado para os negros, e é difícil ser intelectual porque não faz parte da cultura nacional ouvir tranquilamente uma palavra crítica.*

Cirqueira (2016) realiza um exercício interpretativo das entrevistas concedidas por Milton Santos, permitindo-nos compreender em uma perspectiva racial a vida do intelectual pouco apresentada até então. Milton Santos enquanto criança e jovem recebe forte influência de seus pais para construir sua trajetória com base em uma educação formal e informal onde buscavam aproximá-lo dos modos, costumes e valores do grupo tido como hegemônico. Os pais de Milton Santos buscaram em sua criação e educação enquanto criança e jovem afastá-lo de sua identidade negra quando associada à inferioridade:

De alguma maneira, sua família almejava protegê-lo das violências- objetivas e subjetivas - que envolviam a memória da escravidão e as práticas do racismo na sociedade brasileira. Para isso, buscaram mantê-lo o mais distante possível de uma suposta identidade negra enredada em estereótipos de inferioridade, muitos desses projetados na cultura e na corporeidade de descendentes de africanos. E, como os pais e avós de Milton Santos já vinham de um processo de assimilação à sociedade branco-hegemônica da época com relativo sucesso, o prepararam para que se afastasse do mundo dos subalternos e atingisse com êxito posições de prestígio na sociedade brasileira. (CIRQUEIRA, 2016, p. 410).

Milton Santos foi resultado de uma criação e educação consistente, com objetivos muito bem estabelecidos pelos seus pais para que enfrentasse os desafios de ser negro num país como o Brasil, sem se colocar em posição de inferioridade ou deixar que os estigmas que o rodeavam o impedissem de alcançar uma posição bem estabelecida na sociedade.

Em uma sociedade branco-hegemônica, pautada em processos de constituição socioespacial intensamente segregacionista, e independentemente da posição ocupada na sociedade, Milton Santos como intelectual negro carregou sempre os estigmas em relação a sua identidade negra, ainda que essa identidade tenha sido até certo ponto deixada de lado para se integrar à cultura hegemônica. Por essas razões, nem o mais alto prêmio existente para um geógrafo no contexto mundial, o Vautrin Lud, o livrou de enfrentar a discriminação racial (CIRQUEIRA, 2016)<sup>2</sup>.

É indiscutível a relevância e o destaque de Milton Santos como geógrafo no século XX. Suas obras pautadas no contexto socioespacial ao qual estava inserido, mostram-se atuais no século XXI, servindo a estudos e pesquisas dentro e fora das universidades. Cabe agora compreender o universo conceitual sistematizado por ele, e ir em direção às rugosidades.

#### *Forma, Função, Estrutura e Processo*

Milton Santos demonstra em sua obra *Espaço e Método*, publicado em 1985, o que vai chamar de *categorias do método geográfico* para análise do espaço social, ou seja, a relação sociedade-natureza que resulta em uma dada produção espacial no movimento do tempo histórico. Estas categorias são definidas por ele como *Forma, Função, Estrutura e Processo*:

Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele. Consequentemente, para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço (SANTOS, 2012, p. 67).

Cabe discorrermos um pouco sobre estas categorias definidas por Milton Santos, tendo no horizonte a importância das mesmas como método de pesquisa na análise do espaço geográfico. Trata-se de um sistema complexo e em constante desenvolvimento. Uma complexidade de definição e análise que reclama uma série de critérios metodológicos a serem seguidos para uma análise efetiva da totalidade espacial<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> É necessário destacar o conceito de “Cidadão Mutilado” de Milton Santos, publicado no seu livro *O Espaço do Cidadão*, em 1987. Esta noção engloba “os desiguais sem remédio, os desiguais institucionais, o negro, o nordestino, as mulheres, cujo discurso tolerado não tem, entretanto, merecido a resposta adequada” (SANTOS, 1987, p. 31).

<sup>3</sup> Tal complexidade caminha anos mais tarde para na consolidação da sua obra *A Natureza do Espaço*, onde compreenderá o espaço com um sistema de objetos e sistema de ações (SANTOS, 1996).

Podemos entender a *forma* como um arranjo ordenado de objetos organizados num dado padrão (SANTOS, 2008). Pode ser compreendida também como uma estrutura revelada, ou seja, um aspecto visível, o qual desempenha uma dada *função*. É importante entender que as formas são resultados de tempos diversos, coexistindo formas passadas e atuais num mesmo espaço e momento, resultantes das necessidades da sociedade vigente em cada período histórico.

A *forma* se apresenta como uma das categorias de mais fácil compreensão por ser a materialização do espaço físico, sendo evidências de momentos e estruturas diversas, indicando as transformações socioespaciais sofridas. Sendo inteiramente conectada a função a ela designada por parte da sociedade, a forma, deve-se, então, ser analisada e associada à sua *função*, mas não isolada das demais categorias de análise. Uma forma pode desempenhar mais de uma função, isso decorre das necessidades emanadas pela estrutura num dado período histórico.

Milton Santos nos traz a concepção de valor social conferido à forma pela sociedade, apontando criticamente as análises isoladas da forma e sua função, onde a forma somente se torna relevante quando este valor lhe é conferido. Sendo assim, é necessário entender a *estrutura* social num determinado período histórico para então entender as transformações de elementos naturais em elementos sociais (SANTOS, 2008).

Como produto de uma *estrutura* em um determinado período histórico as formas se acumulam resultando em uma paisagem, fruto das transformações feitas no espaço natural para atender determinadas necessidades. O conjunto de objetos (formas) concretos advindos de um tempo passado se apresenta muitas vezes como barreira limitante à evolução da sociedade, já que quanto mais intensa a modificação do espaço com objetos concretos para desempenhar funções inerentes as necessidades do todo vigente, menores são as possibilidades para transformações futuras, impondo a necessidade de adaptação as formas preexistentes.

As mudanças estruturais não podem recriar todas as formas, e assim somos obrigados a usar as formas do passado. A flexibilidade na construção de novas formas, quando a sociedade está passando por mudanças estruturais, decresce com o tempo, em decorrência da imobilidade inerente que por vezes caracteriza a forma preexistente. Por isso, um certo grau de adaptação à paisagem preexistente deve prevalecer em cada período (SANTOS, 2008, p. 73).

A *forma* como já pontualmente anunciado anteriormente é apresentada por Milton Santos como um fator social. Sendo a forma primariamente um resultado, ela é também um fator social (SANTOS, 2014). As *rugosidades* surgem neste ponto como

sendo formas de um momento passado, desempenhando outrora uma função que hoje já não lhe é mais conferida. Sendo assim as novas funções a serem determinadas pelas estruturas no presente devem levar em consideração as formas remanescentes. A atribuição de novas funções surge com a transformação das sociedades, surge com a configuração atual de uma estrutura socioeconômica.

A *função* apresentada por Milton Santos, por sua vez, caracteriza-se pelo fim objetivo atribuído à forma. A função é elemento essencial e indissociável da forma já que uma forma existe com a tarefa, por assim dizer, de desempenhar uma função no espaço.

Milton Santos apresenta *estrutura* como uma combinação de *elementos* categorizados como “homólogos” e “não homólogos” onde os homólogos se caracterizam como estruturas demográficas, econômicas, financeiras, apontadas pelo autor como estruturas de mesma classe (SANTOS, 2008). Já as não homólogos se caracterizam pela interação de estruturas de classes diferentes para formar estruturas complexas. A união destas estruturas resulta no espaço total, que deve ser entendido como a totalidade do espaço, ou seja, a manifestação das relações desenvolvidas entre todos os elementos que compõe o espaço (SANTOS, 2008). Já o *processo* define-se e caracteriza-se pela ação contínua dos elementos totalizados do espaço em suas complexas interações, o que permite resultados diversos. O processo pode ser entendido como “movimento” através do tempo.

Dois pontos são essenciais na análise do espaço geográfico a partir das categorias de *forma, função, estrutura e processo*: o tempo e a análise conjunta de todas as categorias aqui citadas. Toda transformação ocorrida no espaço geográfico e sua própria constituição ocorre com o movimento dos elementos que o constituem através do tempo. Impulsionados e resultantes do que já existiu e o que se objetiva pelos anseios de uma sociedade dinâmica. Hoje este processo é ainda mais intenso se levado em consideração o dinamismo de uma estrutura altamente tecnológica, produtiva e impulsionada tecnicamente e socialmente pelo consumo.

A explanação dessas categorias do método geográfico permite, agora, entendermos o conceito de rugosidade, que é, efetivamente, tributário das categorias supracitadas.

### *Rugosidades*

As rugosidades na concepção de Milton Santos são formas naturais ou artificiais do passado, presentes em todo o espaço, seja no urbano ou no rural, elas são

[...] o que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. (SANTOS, 2002, p.140).

As rugosidades como formas do passado, presentes no espaço atual como herança de outro tempo, com configurações territoriais distintas, dotadas de funções designadas, são expressões das necessidades da sociedade de outrora. Hoje sua presença pode se apresentar como limitação do avanço da sociedade, já que a rugosidade não foi criada para atender as necessidades da sociedade atual, devendo então ser adaptada, integrada ao meio quando tratamos de forma construída e transformada através de novas técnicas. O tempo tem um papel imprescindível, pois ele

[...] vai passando, mas a forma continua a existir. Consequentemente, o passado técnico da forma é uma realidade a ser levada em consideração quando se tenta analisar o espaço. As mudanças estruturais não podem recriar todas as formas, e assim somos obrigados a usar as formas do passado. A flexibilidade na construção de novas formas, quando a sociedade está passando por mudanças estruturais, decresce com o tempo, em decorrência da imobilidade inerente que por vezes caracteriza a forma preexistente. Por isso um certo grau de adaptação à paisagem preexistente deve prevalecer em cada período. (SANTOS, 2008, p. 73).

A análise socioespacial não deve considerar apenas a instância física das rugosidades, já que buscamos compreender a presença do meio social nas formações e transformações do território. Território aqui entendido como espaço físico delimitado, com um estado presente, no qual se exercem relações de poder. As “rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças sócio territoriais ou sócio-geográficas” (SANTOS, 1996, p. 36). É necessário, portanto, levar em conta o papel da forma no processo social quando se trata do meio ambiente construído (SANTOS, 2002).

Como elemento importante e presente na totalidade espacial, as rugosidades se apresentam em individualidade ou arranjos como história de processos passados essenciais para sua compreensão, e, assim, para o avanço inevitável das sociedades e para compreensão dos processos sociais desenvolvidos em função de sua existência, seja qual for a escala.

Cabe agora compreendermos como o universo conceitual de Milton Santos pode ser fundamental para entendermos a vida de cidadãos racializados (Mbembe, 2018) e mutilados (Santos, 1987), convocando para o debate o filósofo camaronês Achille Mbembe.

## Achille Mbembe e a Necropolítica

O mundo contemporâneo tem exigido novos recursos analíticos para compreensão de sua complexidade. Assistimos na última década a ampliação da ultradireita em consonância com o neoliberalismo em diferentes países do mundo, cuja eclosão no Brasil se deu de forma mais viva durante a pandemia de Covid-19, que ceifou vidas e sonhos de milhares de pessoas concebidas como menos importante e, assim, tendo suas existências desperdiçadas nesse mundo (BAUMAN, 2005).

Esse mundo da morte e do horror fez despertar no Brasil o interesse pelo conceito de *necropolítica* do filósofo camaronês Achille Mbembe. O conceito de necropolítica apareceu pela primeira vez na obra de Mbembe em 2003<sup>4</sup>, cuja tradução para o português foi publicada em 2016 como artigo em uma revista, e, em 2018<sup>5</sup>, publicado como livro.

O conceito de necropolítica pretende compreender a escravidão moderna, numa tentativa de representação da forma contemporânea do terror e do horror, que têm, de diferentes formas, gerado “mundos da morte” e “mortos vivos”, uma vez que a morte e o extermínio de populações inteiras têm sido banalizados, tonando-se a nova “normalidade” do nosso tempo. Mbembe propôs as noções de necropolíticas e necropoder:

[...] para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2018, p.146).

Tal conceito é fundamental para compreensão de pessoas que vivem à margem da sociedade, sujeitos que, muitas vezes, são invisíveis ao Estado. Mbembe buscou compreender essas pessoas através da reformulação do conceito de biopolítica de Michel Foucault que enfatizava o direito arbitrário de grupos e sociedades decidirem quem deve viver. Mbembe, todavia, argumenta que a necropolítica busca representar e analisar as “guerras internas contra inimigos naturais, biológicos, essenciais, que pode assumir a forma do terror, do genocídio dos “selvagens”, do massacre do outro inumano, da faxina étnica” (ALVES, 2021, p. 215). Por essas razões,

[...] a biopolítica seria insuficiente para dar conta dessa formação política e social específica, de tamanha subjugação da vida ao poder da morte. Daí a necessidade de cunhar uma nova noção valendo-se do prefixo grego *necro*, que

---

<sup>4</sup> MBEMBE, A. *Necropolitics* (Libby Meintjes, trad.). Public Culture, 2003, 15(1): 11-40.

<sup>5</sup> MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018

acentua a produção não da vida, mas sim da morte, de cadáveres (ALVES, 2021, p. 215).

Considerando as características socioespaciais da Brasil, cuja organização da população no território revela contrastes de desigualdades gritantes em praticamente todas as cidades, é necessário um arcabouço conceitual que dê conta não apenas do mapeamento dos sujeitos, mas, principalmente, dos marcadores sociais que eles carregam em seus corpos. Nas principais capitais do Brasil, tem sido recorrente a formação de “cracolândias”, isto é, o agrupamento de pessoas em situação de rua em locais de comercialização e utilização de drogas.

Nessas cidades, esses locais muitas vezes são territórios flutuantes, que se movem entre ruas e bairros, como é o caso da Cracolândia em São Paulo. Geralmente, os lugares em que essas pessoas em situação de rua se alojam são prédios antigos, rodoviárias, edifícios públicos desocupados, são, assim, rugosidades de um passado recente que, agora, são reutilizados para um novo fim.

O conceito de necropolítica permite ampliar a compreensão dessas rugosidades, uma vez que a maior parte das pessoas que estão em situação de rua em lugares concebidos como “cracolândias” são pessoas negras. Na Cracolândia paulistana, por exemplo, 77 % dos frequentadores são homens negros<sup>6</sup>. A dimensão racial dessas vidas torna-se determinante para sua efetiva compreensão, uma vez que o necropoder

[...] circunscreve uma política de produção de morte, mais do que o aumento deliberado do risco de morte. O que está em jogo é a produção de “cidades”, ou, ainda, zonas deliberadamente demarcadas como territórios em que o livre direito ao assassinato está consagrado (NOGUEIRA, 2016, p. 67).

A população negra e periférica que representa a maior parte dos indivíduos em situação de rua, traduzem uma consequência da nossa colonização, agora em seu moderno formato, pois continua ceifando vidas em toda sua complexidade física e existencial. Trata-se, portanto, conforme argumenta Mbembe (2018) da forma moderna do terror que atua desumanizando o outro visto como menos importante. Cabe, então, entender como os conceitos de rugosidade de Milton Santos e necropolítica de Achille Mbembe são efetivamente fundamentais para compreender a “cracolândia” da capital sul-mato-grossense Campo Grande (MS).

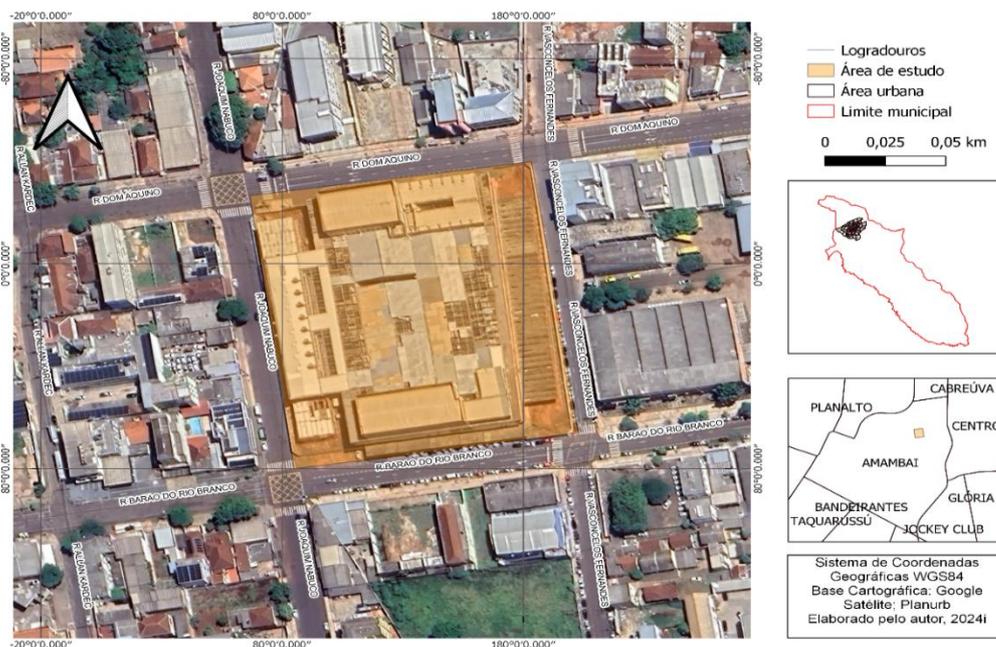
---

<sup>6</sup> Levantamento das Cenas de Uso de Capitais LECUCA – 2019.

## A “Cracolândia” de Campo Grande (MS)

A área central de Campo Grande, especificamente no entorno do antigo Terminal Rodoviário Eduardo Laburu, popularmente conhecido atualmente como Antiga Rodoviária de Campo Grande (Figura 1), transformou-se ao longo das décadas, refletindo processos de degradação urbana, marginalização social e ocupação desordenada do espaço público (KUREDA; PASSAMANI, 2021). A região, atualmente conhecida como "Cracolândia", tornou-se um centro de concentração de pessoas em situação de rua, usuários de drogas e atividades relacionadas à economia informal e ilícita, como o tráfico de drogas e a prostituição, sendo marcada pela desigualdade socioespacial dentro da realidade local de Campo Grande.

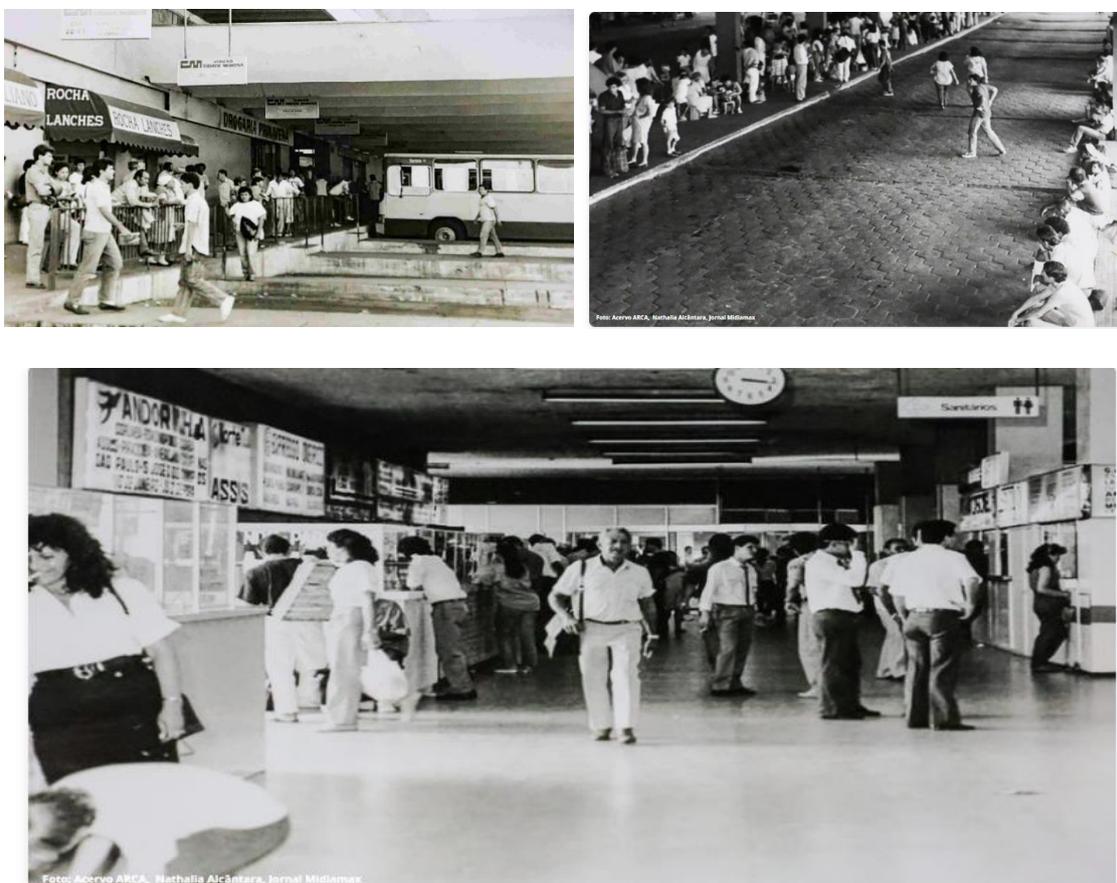
**Figura 1:** Mapa de Localização da antiga rodoviária



A compreensão do fenômeno de transformação socioespacial urbano da região da antiga rodoviária de Campo Grande passa pelo entendimento das dinâmicas históricas e socioespaciais que moldaram a região, sendo esse entendimento ímpar para compreendermos a dinâmica atual. Para Santos (2006, p. 112), “o espaço geográfico é a instância na qual se manifestam as desigualdades sociais, revelando-se na separação entre áreas ricas e pobres”. Tendo como centro da dinâmica socioespacial a antiga rodoviária de Campo Grande, trataremos esse recorte espacial a partir do conceito de “rugosidades”, conforme proposto por Milton Santos (2006), onde as antigas funções do terminal são ressignificadas diante de novas formas de ocupação e uso.

O Terminal Rodoviário Eduardo Laburu, inaugurado em meados do século XX, no ano de 1976 (Figuras 2, 3 e 4), foi por décadas o principal ponto comercial e de transporte na capital sul-mato-grossense, substituindo o então ponto de embarque e desembarque da capital que se localizava na Avenida Calógeras. Localizado estrategicamente no centro da cidade, era o epicentro das atividades econômicas e sociais, concentrando o fluxo de pessoas em atividades de lazer como o cinema, logística em decorrência do embarque e desembarque e econômicas em decorrência do centro comercial do terminal, consolidando-se como um território de alta relevância para o desenvolvimento urbano de Campo Grande na época (KUREDA; PASSAMANI, 2017).

**Figura 2, 3 e 4:** Rodoviária em 1970.



**Fonte:** <https://midiamax.uol.com.br/cotidiano/2023/como-era-campo-grande-na-sua-infancia-fotos-resgatam-passado-e-contam-historias-da-capital/>

Essas figuras ilustram a importância inicial do Terminal Rodoviário Eduardo Laburu como um espaço central e dinâmico na cidade, representando um local de integração social e econômica. Ao apresentar a rodoviária em seu auge, essas imagens ajudam a contrastar o passado com a situação atual, destacando o potencial de transformação e o impacto das “rugosidades” de Milton Santos, uma vez que formas urbanas obsoletas passaram a ser reaproveitadas de forma desordenada.

Contudo, ao longo das décadas, o terminal foi se degradando, e com a transferência de suas atividades para o novo terminal rodoviário na saída para São Paulo, fora do centro, no ano de 2010, iniciou-se um processo de desocupação e marginalização, transformando a área em um espaço propício para a instalação de atividades informais e da população em situação de rua (KUREDA; PASSAMANI, 2021). Esse processo se insere nas “rugosidades” descritas por Santos (2006), onde as antigas infraestruturas urbanas perdem sua função original, mas permanecem como vestígios físicos e simbólicos do passado, assumindo novas funções impostas pelo contexto socioespacial do presente.

Com o esvaziamento das atividades do antigo terminal rodoviário, a região passou a atrair, cada vez mais, populações marginalizadas (Figuras 5, 6 e 7). A falta de políticas públicas eficazes para a requalificação urbana do espaço facilitou a ocupação por pessoas em situação de rua e o desenvolvimento de um comércio ilícito de drogas, criando a famosa "Cracolândia" de Campo Grande. A transformação desse espaço urbano em um novo território de exclusão e violência reflete como a “forma” e a “função” desse espaço se ressignificou ao longo do tempo (SANTOS, 2006).

**Figuras 5, 6 e 7:** Pessoas em situação de rua em torno da Antiga Rodoviária em 2023.



**Fonte:** <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/cidade-perdeu-controle-e-aumento-da-dependencia-quimica-e-evidente-no-centro>

Essas imagens capturam a ocupação atual do espaço pela população marginalizada, ilustrando como o abandono do poder público resultou em um território de exclusão, caracterizado pela presença de pessoas em situação de rua e pelo comércio informal de drogas. A realidade mostrada evidencia como a “rugosidade” espacial, ao ser reaproveitada de forma precária, reflete a falta de políticas inclusivas e exemplifica a necropolítica descrita por Mbembe, onde o Estado deixa de assegurar as condições de vida dignas para determinadas populações.

A presença das pessoas em situação de rua já era presente na região antes mesmo da desativação das principais atividades e se intensificou a partir da transferência para o novo terminal, e a região que antes era símbolo de progresso e modernidade para a capital Campo Grande se tornou símbolo de descaso e ineficácia dos aparatos governamentais evidenciando deficiências em segurança e saúde pública. Essa transformação da região nos revela o processo de desigualdade socioespacial, onde a marginalização de certos grupos sociais ocorre pela ausência ou ineficácia de políticas públicas integradas, as cidades são

[...] o resultado de um processo histórico que produz, reproduz e aprofunda as desigualdades sociais. O espaço urbano, ao refletir a organização das relações sociais e econômicas, revela a segregação entre áreas centrais e periféricas, ricas e pobres. A transformação das áreas urbanas em zonas de exclusão e marginalização é um reflexo das desigualdades que são continuamente reforçadas pela falta de políticas urbanas integradas e pela ausência de estratégias de inclusão social. (SANTOS, 2006, p. 154).

O conceito de necropolítica, desenvolvido por Mbembe (2018), nos permite analisar de maneira crítica a “Cracolândia” de Campo Grande. A atuação do Estado evidenciada pela ausência de políticas públicas de inclusão social e omissão do poder público resulta em “zonas de exclusão e marginalização”, onde a vida é relegada a uma condição precária e desumana. A Cracolândia, como espaço de marginalização, reflete a lógica da necropolítica onde a gestão da vida e da morte se norteia sempre pela exclusão de determinados grupos sociais em detrimento de outros, deixando os grupos marginalizados pela sociedade sem acesso aos serviços essenciais para a manutenção da vida, a necropolítica reflete às

[...] diversas formas pelas quais, em nosso tempo, o poder se transforma em capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Esse poder, exercido de maneira contínua, escolhe as populações que serão protegidas e aquelas que serão deixadas à própria sorte, expostas à morte física ou social" (MBEMBE, 2018, p. 71).

A desigualdade socioespacial é reforçada pela forma como o espaço urbano é organizado e segmentado. As regiões centrais, que outrora foram centros de poder e de

atividade econômica, como a antiga rodoviária de Campo Grande, são transformadas em espaços de exclusão e degradação conforme expõe Achille Mbembe:

As populações que vivem nas margens são muitas vezes expostas a uma forma de violência que não é apenas física, mas também simbólica, constituindo-se como uma política de abandono deliberado. Esse abandono perpetua a marginalização e reforça as disparidades espaciais, resultando em uma geografia de exclusão que se mantém ao longo do tempo (MBEMBE, 2018, p. 82).

Esse processo de exclusão e marginalização geridos através da lógica necropolítica e evidenciados nos processos de desigualdade socioespaciais são reforçados no decorrer do tempo, revelando “as desigualdades sociais, segregando as populações de acordo com sua condição econômica e o acesso ao poder” (SANTOS, 2006, p. 154).

**Figura 8 e 9:** Abordagem policial na “cracolândia” de Campo Grande/MS, em 2019.



**Fonte:** <https://www.maracajuspeed.com.br/noticia/pm-volta-mais-uma-vez-a-cracolandia-de-campo-grande/>;  
<https://www.horanewsms.com.br/2019/11/campo-grande-assistencia-de-igrejas-atrapalha-combate-a-cracolandia-diz-pm/>

Nessas imagens, a presença da polícia na área ressalta a abordagem repressiva e o tratamento do espaço como zona de conflito, ao invés de uma área em necessidade de requalificação e inclusão. Essas figuras são fundamentais para discutir a necropolítica, pois mostram como o poder do Estado é empregado mais para controlar do que para integrar, expondo as populações locais a uma constante ameaça de violência, em vez de oferecer suporte e acesso a recursos.

**Figuras 10 e 11:** Projeto de “revitalização” da Antiga Rodoviária (2023).



**Fonte:** <https://www.seilog.ms.gov.br/estado-destina-r-35-milhoes-para-revitalizacao-da-antiga-rodoviaria-de-campo-grande/>

**Figuras 12 e 13:** Obras da Revitalização (2024)



Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/obra-da-antiga-rodoviaria-comeca-a-ganhar-forma-e-promessa-e-fim-ate-dezembro>

**Figuras 14, 15, 16, 17 e 18:** Obras da Revitalização (2024)



Fonte: Autor

As figuras finais mostram os projetos e as primeiras obras para revitalizar o terminal, sugerindo um esforço do poder público para “modernizar” o espaço. No entanto, a análise crítica das imagens questiona se a revitalização realmente atenderá à população marginalizada que ocupa a área ou se promoverá uma nova onda de gentrificação, removendo-a para regiões mais periféricas. Esses projetos podem, então, estar promovendo mais uma forma de necropolítica espacial, onde o Estado prioriza o desenvolvimento econômico e turístico em detrimento das necessidades habitacionais e sociais das populações que ali vivem.

### **Considerações Finais**

Conforme demonstrado ao longo dessa reflexão, as formas vão ganhando novas funções ao longo do tempo, e a antiga rodoviária de Campo Grande é um reflexo dessa

condição. Atualmente esta rugosidade está revelando uma nova função, com outros sujeitos e significados. O tempo de outrora é ressignificado com as novas lógicas da produção do espaço. O sistema econômico enquanto estrutura, dá a tônica à forma, ditando suas funções no período mais recente.

A partir do reconhecimento dessa antiga forma como uma rugosidade, foi possível cruzar duas contribuições teóricas, a do geógrafo Milton Santos e do filósofo Achille Mbembe. A convocação da necropolítica permitiu identificar e interpretar essa rugosidade em sua função contemporânea. A aproximação desses dois intelectuais revelou como podemos olhar e conceber o espaço de uma forma crítica, identificando suas contradições e expressões nos corpos dos sujeitos que vivem à margem de nossa sociedade, esquecidos pelas políticas públicas.

#### **Referências bibliográficas:**

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. *Entre o Corpo e a Teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos*. 2010. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. Milton Santos: Um Corpo Estranho no Paraíso. In: RATTTS, Alex (Org.). *Pensadores Negros – Pensadoras Negras: Brasil, séculos XIX e XX*. São Paulo: Selo Negro, 2016. p. 409-425.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. Teorias Raciais na Geografia. Abordagens e perspectivas da raça e ralações raciais na Geografia Brasileira. In: SPOSITO, Eliseu Savério Sposito; CLAUDINO, Guilherme dos Santos Claudino. *Teorias na Geografia: Mundos Possíveis*. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2023.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FAUSTINO, D. M. *Por que Fanon, por que agora?: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

GRIMM, Flávia Andrade. *A trajetória epistemológica de Milton Santos*. Tese (doutorado em geografia). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2011.

KUREDA, Vladimir Eiji; PASSAMANI, Guilherme R. Espacialidade, comércio e degradação. *Ponto Urbe*, n. 21, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3524>. Acesso em: 22 jul. 2023.

KUREDA, Vladimir Eiji; PASSAMANI, Guilherme R.; SILVA, Maria Eliza R. A “cracolândia” de Campo Grande (MS) vista “da rua”: notas sobre fazer-cidade,

biopolítica e territorialidade nas imediações da antiga rodoviária. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 8, n. 16, p. 245-260, jan./abr. 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolitics*. Public Culture, 2003, 15(1): 11-40.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2018b

NOGUEIRA, R. Dos condenados da terra à necropolítica: diálogos filosóficos entre Franz Fanon e Achille Mbembe. *Revista Latinoamericana del Colegio Internacional de Filosofía*, 2016, p. 59-75

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton. *Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 2012.

TENDLER, Silvio. *Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá*. [Filme]. Brasil: Caliban Produções Cinematográficas, 2006.